

Padre Fábio de Melo

Mais de 6 milhões de livros vendidos



Quem me roubou de mim?

O sequestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa



Índice



Apresentação	9
Quando somos estranhos perante nós mesmos	13
Aprofundando o tema	20
Um esclarecimento necessário	23
Uma história para começar	27
O sequestro do corpo e a privação do horizonte de sentido	31
A identidade: limites e possibilidades	34
O esquecimento do ser	41
A condição de vítima	43
O preço do resgate e o seu valor simbólico	47
Depois do cativeiro, a aprendizagem	51
A subjetividade e as suas implicações	57
O sequestro da subjetividade	63
A maturidade	67
Os contextos dos sequestros	69
O contexto familiar	70
O contexto religioso	72
O contexto profissional	74
O contexto da amizade	76
O contexto do amor conjugal	77

Da sedução ao cativeiro	83
O mundo e os seus cativeiros	87
Dois casos de sequestro	95
Ser pessoa é ser dono de si mesmo	101
O equilíbrio dos pilares	111
Violências declaradas e violências ocultas	114
O grande agressor	118
O pequeno agressor	121
Liberdade: do significado à realidade	127
Exercitar as liberdades: liberdade fundamental e liberdade eletiva	131
Entre o desejo e o prazer	139
A vida sob o foco do desejo	141
A vida sob o foco do prazer	145
O mito e as suas sugestões	151
O mito do amor romântico	155
Amor perfeito? Só em jardins	162
Superar as idealizações	173
O equívoco do amor	177
Construir relações simbólicas	187
Jesus e o seu olhar simbólico	195
Abrir os cativeiros	203

[

Há pessoas que nos roubam.

]

Há pessoas que nos devolvem.

Apresentação



Este livro está comprometido com o desejo de lhe fazer bem. É uma aventura desejada, nascida de um desassossego provocado por lágrimas que chorei, mas sobretudo por lágrimas que consolei. Considere-o como uma pequena viagem, cujas estradas passam por mim e pela vida de pessoas que cruzaram o meu caminho.

É possível que se reconheça nalgumas histórias. É provável que as teorias aqui expostas lhe agucem os sentidos. Afinal, quem nunca roubou ou foi roubado de si mesmo?

A viagem vai ter início. Obrigado por estar comigo. Precisamos de dilatar a consciência que temos acerca das nossas verdades. É assim que Deus ganha espaço em nós. Quanto mais conscientes do que somos, fazemos e podemos, muito mais próximos estaremos da realização para a qual fomos projetados.

A teologia cristã tem avançado muito na compreensão de que a realização humana é o mesmo que a Revelação de Deus. Essa

tem sido a nossa crença. Onde houver um ser humano realizado, é nele que Deus se revela.

Queiramos isso. Sempre. Até ao fim. O fim que nunca tem fim.

[Que mundo é este, que facilita os encontros
mas nos torna estranhos perante nós mesmos?]

Quando somos estranhos perante nós mesmos



Não me propus escrever um ensaio teológico. Nem tão-pouco um tratado de antropologia especializada. Este livro limita-se a ser uma reflexão sobre os cativeiros afetivos e as suas desastrosas consequências sobre aqueles que os protagonizam.

Não, não me sinto tomado pelo desejo de abarcar todos os desdobramentos do amplo contexto em que se situa o sequestro da subjetividade. O meu desejo é simples, menor. Limito-me a convocar o leitor a olhar para os seus relacionamentos, identificando neles posturas que possam alimentar, em nome do amor que dizemos sentir, uma postura que atenta contra a sacralidade do outro, negando-lhe o direito a exercer o mais belo dom recebido de Deus: a liberdade interior.

Este livro é fruto de um desassossego meu. Vi de perto muitas pessoas perderem épocas preciosas das suas vidas, ou até mesmo a vida inteira, porque estavam encarceradas em

relacionamentos altamente destrutivos, nocivos. Pessoas que, sem perceber que o faziam, desperdiçavam as suas existências com sonhos que não eram seus, sacrificando enganadas os seus dias, limitando-se a cumprir um papel que lhes tinha sido imposto, incapazes de romper a clausura construída pelos seus algozes.

A vida tem-me ensinado. Em nome do amor, cometemos crimes hediondos. Em nome do amor, aprisionamos, condicionamos, cerceamos esperanças, despersonalizamos, impomos fardos. Estes crimes nem sempre são noticiados. Nunca vimos ninguém ser condenado como criminoso por ter mantido durante anos e anos uma outra pessoa no cativeiro do seu egoísmo. Não é comum ver uma esposa, depois de um longo tempo de agressões psicológicas, que a impediram de desenvolver as suas potencialidades, pedir à Justiça que o seu marido pague pelo mal cometido. Não é comum que um filho denuncie os seus pais por o terem forçado a desistir dos próprios sonhos, subjugando-o a viver por eles a vida que eles gostariam de ter vivido. Não há registo de que alguém tenha pedido uma indemnização, ainda que simbólica, pela vida que desperdiçou em torno de um amor que nunca foi amor.

O motivo é simples. Esses crimes estão inconscientemente socializados. Cometemo-los diariamente e nem sempre nos apercebemos de que o fazemos. É como se já estivessem justificados por uma prática comum, irrefletida, da qual participamos como se isso não nos causasse prejuízo, a nós e aos outros. É assim mesmo. A não reflexão sobre uma atitude criminosa funciona como uma delicada base de verniz que aplicamos para nos protegermos da nossa cobardia.

Levo engano. O silêncio do crime não nos exime da sentença. Mais cedo ou mais tarde, ela ser-nos-á entregue. A criminosos e vítimas. Chega-nos pelos braços do tempo quando este, sem nenhuma piedade, vier depositar na nossa alma a desconcertante conclusão de que o que se viveu não valeu a pena.

É a partir desse outro desassossego que começo. A humana-dade distancia-se assustadoramente da sua essência. Somos cada vez menos esclarecidos quando o assunto é humanidade. Conhecemos de cor o funcionamento de uma máquina, mas temos dificuldade em compreender uma lágrima humana.

Estamos indisponíveis para discutir com profundidade os problemas que nos afetam. Estamos cada vez mais distantes da cultura que nos permite o acesso ao lado mais profundo do mundo. A poética, a linguagem por excelência que nos conduz ao coração das realidades, tem sido constantemente banida. Prevalecem fórmulas rudes, rasas, pretensiosamente prontas, mágicas, engracadas, reconheço, mas incapazes de provocarem um avanço em direção ao que é profundo. Com isto, limitamo-nos a tocar a primeira pele das questões. E é só.

Identifico algumas explicações para isso. A Revolução Industrial mudou radicalmente as formas de produção das sociedades. O que antes era manufaturado de modo artesanal passou a ser produzido em série. Com isso, iniciamos a época das grandes tecnologias. As indústrias empenharam-se em criar maquinaria que aumentasse a produção e, ao mesmo tempo, diminuísse a duração do processo.

Assim, começamos a sofrer aquela que considero ter sido a mais radical mudança que a modernidade nos trouxe: a nossa relação com o tempo. Com boa parte da supressão da produção

artesanal e do modo de vida social que ela fomentava, o ser humano foi inserido numa nova ordem cronológica.

Não sou especialista nessas mudanças, mas ouso dizer que as facilidades da tecnologia dificultaram a nossa relação com as esperas. O tempo das demoras, que antes fazia parte da vida humana, foi sendo cada vez mais reduzido pela eficiência do mundo técnico. No entanto, o que tem a ver a nossa nova relação com o tempo com a indisponibilidade hoje tão comum quando o assunto gira em torno das questões fundamentais da existência? Qual é a relação que podemos estabelecer entre os sequestros da subjetividade e a nossa incapacidade de administrar esperas, que nos foi legada pela Revolução Industrial?

Não sei ao certo como tentar responder a estas perguntas. Elas são muito sugestivas e perguntas sugestivas sugerem uma infinidade de respostas possíveis. Não pretendo esgotá-las, nem tenho condições para tal.

O que sei é que a mudança do mundo acarreta uma inevitável mudança do ser humano. É certo que a produção industrial em série submeteu o ser humano a movimentos repetitivos, rápidos, limitando-o a ser uma parte do grande mecanismo em que estava inserido. Esta é a palavra: tornou-o mecânico, parte de uma engrenagem cujo funcionamento depende de seu movimento coordenado. Acredito que o ritmo de trabalho fosse extenuante. Ao chegar a casa, esse trabalhador teria pouca disposição para outra coisa senão alimentar-se e dormir.

Estamos no auge desse processo. É a época que nos pertence. As gerações futuras protagonizarão outro auge. Mas, no agora que temos, vemos a humanidade ainda muito absorvida pelos desdobramentos da mudança da nossa relação com o tempo.

Absorvidos pelos cansaços da vida que vivemos, pouco tempo nos resta para cultivar uma vida interior. Quando falo de vida interior, reporto-me ao direito de experimentarmos realidades que favoreçam a transcendência, aquele movimento natural que nos retira do tempo para a ele nos devolver revigorados. Falo da possibilidade de, por meio dessa transcendência, chegarmos cada vez mais perto do coração da nossa verdade pessoal, permitindo-nos tomarmos posse de nós mesmos, levando-nos a um autoconhecimento que favoreça relacionamentos mais saudáveis e livrando-nos da possibilidade de vermos sequestrada a nossa subjetividade.

Se, por um lado, a modernidade nos causou prejuízos, por outro, também nos trouxe benefícios. As ciências humanas evoluíram consideravelmente. Estamos extraordinariamente munidos de possibilidades que nos permitem administrar os nossos conflitos. As religiões também avançaram. Inseriram nas suas teologias as dores humanas. Consideraram que o discurso religioso não pode limitar-se aos altares e aos santos. Ele precisa de chegar às motivações humanas, às realidades atuais onde a fé se manifesta.

É assim que nos posicionamos diante do passado. Prejudicados e beneficiados. E, a partir dessa consciência, voltamos os nossos olhos para o desconforto que experimentamos hoje. Não creio que o sequestro da subjetividade seja uma característica do nosso tempo. É certo que o despropósito do acorrentamento afetivo acontece desde que o mundo é mundo. O facto é que o avanço de que beneficiamos nos dá as condições para o identificar.

Creio que chegamos ao cerne da segunda pergunta. A nossa incapacidade de esperar está a favorecer o crescimento das relações sequestradoras?

Penso que sim. Desaprendemos o artesanal da vida. Os nossos quotidianos são cada vez mais apressados. Os nossos encontros seguem as mesmas regras. A nossa impreparação pessoal, fruto de nossa incapacidade de dispensar tempo a nós mesmos, empurra-nos para os braços de outros que viveram a mesma negligência. Os sequestros iniciam-se assim. São consequências naturais de uma forma de ser e de viver e, por isso, são tão frequentes. Dedicamo-nos cada vez menos ao artesanal da construção afetiva, ao conhecimento que nos aproxima e que favorece os vínculos que nos enriquecem.

Identificamos aqui um retrocesso. É como se uma involução estivesse a levar-nos para uma desaprendizagem existencial, como se perdêssemos a capacidade de compreender quem somos, como se estivéssemos a viver um afastamento do que é realmente humano, uma indisponibilidade para nós mesmos.

Talvez o mundo técnico nos tenha absorvido mais do que devia. Talvez tenhamos invertido a ordem das coisas. A tecnologia deixou de nos servir, e nós é que passamos a servi-la. Habituamo-nos excessivamente aos modelos contemporâneos de comunicação. Adotamos, nas nossas relações pessoais, a mesma técnica da produção industrial em série, aquela que levou o mundo para o paraíso tecnológico. As redes sociais dão-nos a ilusão de que temos uma infinidade de amigos, ligam-nos a milhares de pessoas com quem dizemos partilhar a nossa vida. Produção em série. Carregamos numa tecla e a mensagem mentirosa aparece: «Pronto, agora vocês são amigos». É a varinha de condão que um dia já fez parte do nosso imaginário. Reassumimos os contos de fadas. Permitimos, ainda que inconscientemente, que a

amizade virtual nos livre da necessidade de construir artesanato afetivo com os que nos rodeiam.

E então dá-se o prejuízo. As horas que poderíamos aproveitar para uma boa leitura, um bom filme ou uma boa conversa, desperdiçamo-las na manutenção de um perfil virtual onde prevalecem as conversas superficiais, as discussões, as disputas pela notoriedade.

Uma forma moderna de ser. Um modo de vida totalmente voltado para fora, cheio de alegorias, desprovido de intimidade, marcado pela necessidade de comunicações excessivas, e-mails, novos *posts*, textos reencaminhados, fotografias legendadas, que expõem muito além do que deveriam expor.

É a vida na praça pública, onde cada transeunte leva consigo os instrumentos que o publicam para o mundo. Os aparelhos companheiros que nunca saem das mãos, os instrumentos que dificultam os encontros, as conversas presenciais, a intimidade.

Este estilo de vida estrangula-nos o tempo, e elimina a necessidade de encararmos as nossas questões. Com isso, tornamo-nos estranhos ao que sentimos, e o pior, ao que fazemos com o que sentimos.

Indisponíveis para nós mesmos, encontramos os outros. E porque também eles estão indisponíveis para si mesmos, iniciamos os amores que nos hão de levar aos crimes da subjetividade, ao desrespeito pela alteridade, a um desarmonioso modo de pertencer e de estabelecer vínculos.

O desconhecimento dos mecanismos afetivos é cada vez mais comum. As pessoas sofrem, mas não sabem porque sofrem. Assim, ficam impossibilitadas de chegar à origem do seu desconforto. Com um pouco mais de reflexão, o sofrimento poderia ter

um caráter redentor. Questões pequenas, quando não resolvidas a tempo, avolumam-se e tornam-se montanhas aparentemente intransponíveis. Por isso, o instrumento que pode fazer-nos transpor os obstáculos é o mergulho em nós mesmos.

Por isso, este livro. Para pensarmos juntos sobre a possibilidade de refletirmos acerca da maneira como vivemos. Quem sabe se, ao longo da leitura, nos conseguimos motivar a abrir portas, a mudar atitudes, a romper cativeiros, a acender luzes, a promover a liberdade, em nós e nos outros.

Aprofundando o tema

Tenho consciência de que exerço uma autoridade religiosa sobre muitas pessoas. Sendo quem sou, fazendo o que faço, toco diariamente as dores do mundo, os calvários da humanidade. Escrever sobre eles é sempre um desafio. A palavra é inapta para alcançar o coração de tudo o que nos dói.

As dores são muitas. Resolvi eleger uma delas: o sequestro da subjetividade. A expressão não é comum. É provável que muitos nunca a tenham ouvido. No entanto, a palavra sequestro é absolutamente familiar para todos nós. Habitualmente, acompanhamos pelos noticiários casos de pessoas que são separadas das suas famílias e mantidas em cativeiro. É o sequestro do corpo. Estabelecida a rutura, começa a negociação entre familiares e sequestradores. O desfecho dessa modalidade de violência dependerá do resultado da negociação. O sequestro do corpo é uma forma de roubo. Alguém é materialmente levado do seu meio. Alguém é cobardemente submetido ao afastamento

temporário da sua casa e dos seus familiares e amigos, ficando nas mãos de sequestradores que pretendem arrancar um valor financeiro à família da vítima.

O sequestro da subjetividade refere-se a outra forma de afastamento. Neste caso, a privação mais prejudicial que sofremos é a privação de nós mesmos. Estamos a falar de um vínculo que mina a nossa capacidade de sermos quem somos, de pensarmos por nós mesmos, de usufruirmos da nossa autonomia, de tomarmos decisões e de exercermos a nossa liberdade de escolha. Trata-se de um roubo silencioso que nos leva de nós mesmos. Estes sequestros são acontecimentos comuns que não são noticiados. São subtis, mas altamente destruidores, uma vez que fragilizam e impossibilitam o ser humano de viver a plenitude para a qual foi feito.

Portanto, este livro propõe-se refletir brevemente sobre os malefícios desta perda de pertença a si próprio. O seu principal objetivo é lançar luzes sobre as relações humanas que, num contexto de atitudes socialmente aceites, concretizam o mesmo movimento de rendição que é próprio da relação entre sequestrado e sequestrador. Por isso, partiremos desta primeira modalidade de sequestro, evidenciando que, sempre que uma pessoa é retirada do seu mundo particular e subjugada aos maus-tratos de um cativeiro, inicia-se nela um terrível processo de submissão, que a conduzirá à condição de vítima. Vitimada, a pessoa desiste de si mesma e passa a obedecer às ordens e aos desejos do seu algoz.

Paralelamente ao sequestro do corpo, colocaremos a questão do sequestro da subjetividade. Como já foi dito, o roubo da subjetividade nasce a partir de qualquer relação que prive um

ser humano de dispor de si, da sua pertença de si e que o prive de administrar a sua própria vida.

O sequestro da subjetividade pode acontecer em todos os tipos de relacionamentos. Nenhuma relação humana está livre de se transformar em roubo ou em perda de identidade, ainda que as pessoas nos pareçam bem-intencionadas. Um só descuido e as relações podem evoluir para essa violência silenciosa. Basta que as pessoas percam as suas referências, que se distanciem do verdadeiro significado de *proteção*, que confundam amor com posse, que abdiquem da sua identidade e que se ausentem de si mesmas.

As consequências dessa violência são nefastas. Nada pode ser mais cruel do que ser-se privado de si mesmo. Ou seja, de abdicar de se ser quem é, de não ter coragem de romper com os condicionamentos que nos impedem de edificar a nossa própria vida. Frequentemente encontro pessoas que têm de lidar com um mal-estar psicológico fruto do roubo que sofreram. É um sofrimento que num primeiro momento não se identifica, mas que depois é somatizado e se manifesta em nós por meio de doenças fatais.

Muitas doenças nascem da consciência deprimente, da dura necessidade de ter de assumir, não perante os outros, mas perante nós mesmos, que a nossa vida foi cobardemente desperdiçada, que não vivemos como poderíamos ter vivido. Que não corremos atrás dos sonhos que eram nossos, e que trocamos as nossas esperanças por expetativas alheias. Uma vida inteira de autoflagelação. Um crime afetivo que se desdobra em doença na carne. A enfermidade que nasce do reconhecimento de que não fomos fiéis a nós mesmos, de que não nos empenhamos o suficiente

para encontrar as chaves do cárcere que nos privava do amor que nos permitiria amar os outros. Sim, essa verdade nunca poderá ser desacreditada. Só podemos dar aquilo que temos. Se nos falta amor-próprio, é certo que não teremos amor para oferecer.

Um esclarecimento necessário

Tenha paciência. Não abandone este livro. Eu sei que estas questões introdutórias podem ser cansativas, mas são necessárias. Pode ser que, em determinado momento, tenha dificuldade em perceber algumas coisas. Não se preocupe. Sempre que necessário, darei uma breve explicação conceptual que o ajudará a compreender melhor as abordagens e também não deixarei de dar exemplos práticos, através dos quais a teoria ganha vida e facilita a nossa compreensão.

Para que a leitura seja tranquila, algumas *placas informativas* vão servir-nos de guias. São conceitos da filosofia e da teologia cristã que serão bem explicitados. Se, nalgum momento da leitura, o texto lhe parecer difícil, vença o desafio. O chá de boldo também é difícil de beber, mas faz bem ao fígado. O exemplo está dado. Não se deixe vencer pela preguiça. Continue a avançar. Todos os livros devem desafiar-nos, incomodar-nos. É assim que crescemos. Caso seja necessário, consulte o dicionário. Uma palavra nova é sempre bem-vinda. Mas passe a usá-la no dia a dia. Reforça a sua aprendizagem e também enriquece o vocabulário dos outros.

Já sabemos que este livro é escrito por um padre. Por isso, penso que estou dispensado de salientar que esta reflexão se ampara

nos princípios evangélicos. O porto do qual partimos é a experiência concreta que tenho de Jesus e da sua palavra. Esta verdade acompanha-me. O evangelho é um instrumento poderoso, capaz de promover a vida e a liberdade necessária para vivê-la bem.

Nos relatos dos evangelhos, Jesus é apresentado como o libertador. Ele é o enviado que tem como missão específica salvar o ser humano de todas as amarras que o privam da sua realização. Ele é Deus encarnado, o Verbo que assume a carne humana para resgatá-la das suas escravidões.

Por isso, a palavra de Jesus é sempre simbólica. Porquê? Porque, quando fala, faz com que ultrapassemos o limite da palavra dita. A palavra de Jesus alcança o mais profundo do coração e ajuda-nos a reunir as pontas que antes estavam soltas, provocando sofrimento.

Vou explicar melhor. O que é um símbolo? É toda e qualquer realidade que constrói uma ponte por onde podemos alcançar o outro lado. O símbolo cumpre o papel de nos conduzir ao significado de tudo o que ainda nos é estranho. A palavra é simbólica. Abre-nos portas para que possamos aprofundar o conhecimento das coisas. Um dia, alguém nos ensinou o significado da palavra «porta». Num primeiro momento, descobrimos que as portas são estruturas concretas que nos servem de proteção. Com o tempo, fomos ampliando este significado, utilizando-o para além do seu aspetto concreto. A palavra *porta* tornou-se o símbolo que nos facilitou compreender e fazer compreender algumas realidades que a palavra não pode alcançar.

O símbolo é um desdobramento do discurso poético. Ultra-passa a inteligência do mundo e consola-nos com o descanso que só a poesia pode conceder-nos.

Diferente do símbolo, que une, é o diabólico. Este só estraga. Em vez de unir as pontas, afasta-as ainda mais. Não favorece o conhecimento, dificulta-o. Nem será preciso explicarmos muito este facto. Todos conhecemos de perto o poder das realidades e das pessoas diabólicas. Identificamos constantemente os ferimentos que nelas têm origem.

É dessas forças diabólicas que Jesus nos salva. A nossa ligação a Ele resgata-nos de todas as escravidões que porventura venhamos a sofrer. De que maneira podemos identificá-la na nossa vida? Como identificar, na realidade do dia a dia, que essa ação libertadora está a chegar junto de nós?

Sabemos que a ação de Deus alcança a totalidade do que somos. O seu amor ultrapassa todas as dimensões da nossa existência. Quando dizemos que a sua proposta é que vivamos livres de tudo o que nos escraviza, estamos também a proporcionar-nos vencer o poder de tudo o que nos diaboliza. Sendo assim, a vida cristã consiste em ser uma referência de análise para todos os relacionamentos que estabelecemos.

Se Deus nos quer livres, se a sua ação amorosa implica que mergulhemos nessa vocação pela liberdade, então devemos viver de maneira a que tal liberdade seja possível. E, nessa altura, apercebemo-nos da necessidade constante de resguardar o dom recebido, zelando para que a nossa subjetividade não seja invadida por forças diabólicas que nos chegam através de certas mentalidades e pessoas.

Somos guardiões dessa liberdade. O cuidado para que os nossos relacionamentos não se transformem em sequestros é, antes de mais, uma atitude religiosa. Temos vocação para o símbolo. E temos de assumir e promover a riqueza de uma vida simbólica.

Os sequestros da subjetividade são naturalmente diabólicos. Quebram a integridade da pessoa e inibem a ação libertadora de Deus. Baseados nesta premissa, vamos analisar as relações humanas a partir de duas classificações. Temos relações simbólicas, nascidas a partir de pessoas e de realidades que nos ajudam a viver o propósito libertador a que Deus nos chamou. São aquelas que nos permitem crescer e superar os nossos limites porque são capazes de estabelecer pontes que nos permitem travessias. Depois, as relações diabólicas, que são aquelas que nos paralisam e nos fazem retroceder porque obstaculizam os caminhos, aquelas que nos afastam do desejo divino de que sejamos livres.

Para terminar esses prolegómenos, faço agora uma menção ao subtítulo deste livro: *O desafio de ser pessoa*. Mas, prolixo como sou, sinto mais uma vez a necessidade de divagar um pouco antes de chegar ao conceito de pessoa.

A vida humana é uma experiência constante de travessia. Estamos em êxodo contínuo, em processos de deslocação intermináveis, porque enquanto estivermos vivos sentir-nos-emos impelidos a um movimento que nos proporcione a superação de etapas, condições e atitudes. O tempo encarrega-se de nos deslocar entre essas fases. Faz parte da condição humana sofrer esta transição constante. Nunca estaremos prontos. A morte surpreender-nos-á e ainda não teremos terminado.

São muitas as travessias que temos de realizar ao longo da vida. Da infância para a adolescência, a juventude, a vida adulta, a velhice e a eternidade, esperamos. Mas há uma travessia que perpassa todas essas fases cronológicas. É a *da condição de indivíduos para a condição de pessoas*.

No momento certo explicaremos melhor esta distinção. Para já, limitamo-nos a dizer que não nascemos pessoas. Nascemos indivíduos. A condição de pessoa é uma meta a ser vivida, um objetivo a ser alcançado. Como já está expresso no subtítulo, um desafio.

Reforço aqui o meu posicionamento teórico. O fundamento de nossa reflexão é a antropologia cristã. Portanto, vamos abordar o conceito de pessoa a partir dos dois pilares que essa antropologia estabeleceu para compreendê-lo. Ser pessoa consiste em *dispor de si e pôr-se ao dispor dos outros*. Trata-se de um projeto audacioso de pertencer-se para se dar. Assim, o ponto nevrálgico deste livro entrelaça estas duas questões. Veremos o sequestro da subjetividade como um acontecimento que atenta diretamente contra os dois pilares fundadores do conceito de pessoa, *a disposição de si e a disposição para os outros*. A partir de histórias concretas, veremos que esse atentado gera um ciclo vicioso que nos impede de viver com nobreza a nossa condição humana.

De cada vez que um relacionamento fragiliza a capacidade de o indivíduo dispor das suas possibilidades, está a acorrentá-lo, num egoísmo condenatório que o priva de conhecer a beleza de um amor gratuito. Sendo assim, esse ser humano limitar-se-á a ser uma caricatura de si mesmo, terá de abdicar da possibilidade de ter um rosto próprio, para ostentar a farsa que o cativeiro lhe colou na face.

Uma história para começar

Ela veio de longe. Filha de uma família libanesa, chegou ao Brasil acompanhada por um parente distante. Os pais já estavam

mortos. Foi ao encontro de um tio que morava por lá. A idade era pouca. A solidão era muita. Chegou, e já lhe tinham arranjoado um casamento. Não soube opor-se. Estava frágil demais para travar qualquer luta. Casou na primeira semana em que pisou no novo país.

Passaram-se trinta e dois anos. Oito filhos: sete homens e uma mulher. Cinco netos e uma história de sofrimento que parecia ter-se passado num clássico da literatura. Nunca houve amor entre ela e o marido. Nos primeiros dias de convivência ele deixou claro, através do seu comportamento, que a vida ao seu lado não seria fácil. Ela não soube resistir. As primeiras agressões foram mantidas em segredo. Mais tarde, tornaram-se públicas. Pouco a pouco, o respeito fez as malas e partiu.

A mulher não sabia sorrir. Em momento nenhum da nossa conversa consegui identificar nela algum rastro de alegria ou de esperança. Os filhos já criados herdaram do pai a mesma personalidade. A única filha mulher revoltou-se contra a estrutura familiar e foi-se embora para nunca mais voltar.

A mulher não sabia o que me pedir. Estava profundamente abatida com a morte trágica do marido. Estava confusa. Sentia um alívio no peito, mas ao mesmo tempo experimentava o peso de não saber por onde recomeçar. Confessou ter medo de tudo. Medo da vida, medo da morte, medo dos filhos, medo do marido morto. As suas noites de sono eram poucas. Vivia constantemente ansiosa, como se o agressor da sua alma fosse voltar a qualquer momento. Ouvia os seus gritos e tinha sempre a sensação de que ele andava pela casa.

Aquela mulher tinha, diante de si, uma longa viagem a ser feita. Viagem de retorno. Viagem no tempo. Tinha de regressar

ao momento em que tinha permitido ao homem recém-chegado que tomasse conta da sua vida. Tinha de voltar para si mesma. Tinha de redescobrir as estradas que a reconduziriam à sua subjetividade, e nela reaprender a viver.

Esta mulher foi vítima de uma violência afetiva. Foi vítima de um roubo cruel. Não, não foi um roubo material. Não estamos a falar de um crime que pode ser investigado, ou da perda de um objeto que pode ser procurado. Este roubo refere-se a algo muito mais profundo.

A vida foi-lhe roubada. Submetida a um tratamento desrespeitoso e cruel, a mulher amargava naquele momento a contabilidade que lhe confirmava o pior prejuízo que podemos sofrer: o de perder a própria vida.

O criminoso aproveitara-se da sua fragilidade. Descobrira nela uma vítima fácil. Conscientemente ou não, agiu de forma violenta. Ao princípio, uma violência oculta; depois, a violência declarada, gritada para quem quisesse ouvir. É certo que ele não a considerava um ser humano. Para ele, ela não passava de um objeto que devia estar sempre à sua disposição. Sem muitas possibilidades na vida, a mulher submeteu-se àquele tratamento cruel. Com o passar do tempo assumiu a condição de vítima e o pior aconteceu: deixou de saber ser livre.

Mas a prisão nem sempre termina quando recebemos as chaves que nos libertam. Mesmo após a morte do seu algoz, com as portas do cativeiro abertas e distante das ameaças que a mantinham encarcerada, ela já não sabia dar o passo em direção à liberdade que lhe cabia. Estava presa às *memórias do cárcere*. A violência fora tão profunda que mesmo com a morte do sequestrador ela continuava a ser a sua vítima acorrentada.

Quando nos relacionamos, o outro hospeda-se em nós. Esta regra pode ser positiva ou não. Tudo depende da forma como o outro teve acesso à nossa alma. Aquela mulher albergava em si a memória de um homem cruel. O desgaste produzido pelos longos anos de submissão tirou-lhe a possibilidade de abrir as janelas da alma para que uma nova luz banhasse o calabouço das suas lembranças.

A mulher não saberia defini-la assim, mas a sua história é um clássico caso de sequestro da subjetividade, essa espécie de roubo da alma, esse absurdo que frequentemente mora ao nosso lado ou dentro de nós.



O sequestro do corpo e a privação do horizonte de sentido



O sequestro do corpo é uma das mais terríveis modalidades contemporâneas de violência. Ato de profundo desrespeito pela condição humana, o sequestro consiste em retirar uma pessoa do lugar representativo da sua identidade e da sua significância, submetendo-a a um tratamento que tem como finalidade fragilizá-la, promovendo assim um estado de total dependência e rendição em relação ao sequestrador. O sequestro do corpo é uma privação daquilo a que chamamos *horizonte de sentido*. O que quer isto dizer? É simples. Cada ser humano, ainda que esteja integrado no mundo, possui sempre um contexto particular, feito de significados e significantes. O horizonte de sentido é o território onde não nos sentimos estrangeiros. É aquela faixa do universo onde descobrimos o *sentido* mais profundo do que somos. O sentido é tudo aquilo que representa a coerência, e que liga, orienta e estrutura. É a partir desse horizonte de sentido que pensamos, agimos, amamos,

desejamos, vivemos. Somos e estamos estruturados a partir de realidades que significam, isto é, de realidades que nos revelam e que nos motivam a desbravar outros horizontes.

Esses significados desempenham os mais diversos papéis na nossa aventura humana. São eles que nos sustentam e que definem o nosso caráter. Sim, os valores nascem dos significados. Por isso, tornam-se fundamentais para a qualidade da nossa atuação no mundo. Podemos dizer, sem medo de errar, que são os significados que aprendemos a amar que qualificam a nossa existência.

A nossa integridade como pessoa depende da conjunção harmoniosa dos significados que constituem o nosso horizonte de sentido. É como construir um mosaico. Creio que a metáfora é interessante e pode facilitar a nossa compreensão do conceito. Um mosaico é feito de partes; essas partes conjugam-se e compõem uma peça única. Os detalhes que constituem a trama do mosaico são pequenos e inúmeros. Cada pequena peça é fundamental para a construção do todo, e por isso não pode ser esquecida nem separada das outras.

A regra aplica-se também a nós. Se pensarmos no espaço humano em que vivemos como sendo peças de um mosaico, compreenderemos o cerne dos significados que nos constituem; é aí que estamos no coração do nosso horizonte de sentido.

Quando nos referimos aos significados, referimo-nos a realidades materiais e imateriais. Referimo-nos ao quarto onde dormimos, com as nossas almofadas e lençóis, mas também às pessoas que nos rodeiam e aos amores que nos despertam. O quarto identifica-nos; os amores também. O horizonte de sentido é uma conjugação desses valores. A cidade onde moramos, a história

que já vivemos, a casa que nos acolhe, os lugares que frequentamos, os amigos que amamos, as crenças que professamos, as relações diárias, os ritos que realizamos, enfim, tudo isso define o nosso mundo particular, o nosso horizonte de sentido.

Portanto, quando uma pessoa é sequestrada, a primeira ruptura é com o lado material dos seus significados. O cativeiro é o oposto de tudo aquilo que lhe atribui um sentido. O sequestro priva-la-á de estar no mundo a que pertence. Não dormirá na sua casa, não usufruirá dos seus sabores preferidos, dos seus ambientes, das suas próprias coisas, da sua almofada, dos seus livros, dos seus perfumes, das suas paredes. Será violentamente exposta a uma outra realidade que não a sua. Também o corpo sofrerá a violência de não poder ir e vir.

Terá de obedecer às ordens de um recém-chegado, de alguém que até aí não pertencia ao seu mundo. Uma pessoa estranha, que definitivamente não fazia parte dos seus significados, mas que agora lhe acorrenta o corpo e a obriga a uma privação para a qual não estava preparada.

Trata-se de um sofrimento extremamente doloroso. Ao ser afastado dos locais que o identificam, e passando a viver num ambiente estranho, inóspito e distante de tudo o que o define, o sequestrado mergulha num profundo estado de solidão. Não se trata de uma solidão comum, dessas pelas quais passamos ocasionalmente e que fazem parte do quotidiano de todos nós. Trata-se de uma solidão muito mais profunda, caracterizada pela *ausência de si mesmo*.

Ao ser afastado de seu mundo particular e de tudo o que ele representa, o sequestrado sente-se impedido de ser ele mesmo. O mundo que agora lhe é oferecido não lhe pertence. O cativeiro

nega-lhe o direito de ser e de estar no seu horizonte de sentido. Este profundo estado de ausência pode agravar-se com o tempo e evoluir para aquilo a que chamamos *esquecimento do ser*.

A identidade: limites e possibilidades

Estamos bastante familiarizados com a palavra *identidade*. Temos até um cartão próprio que a materializa. Por meio desse documento, podemos provar quem somos. Ele informa-nos sobre nós mesmos. A nós e aos outros.

Há dois aspectos interessantes na identidade que queremos salientar: uma afirmação e uma negação. Identificar-se é a forma que alguém tem de afirmar o que é, mas também o que não é. Ao identificar-se, essa pessoa posiciona-se a partir de limites e de possibilidades.

Ao dizer *eu sou isto*, naturalmente está a dizer também *não posso ser aquilo que negaria o que sou*. Parece um jogo de palavras, mas não é. Ao identificar-me como o Fábio, estou obviamente a dizer que não sou o Fernando. Quando nos identificamos, afirmamos a diferenciação, que é um fator fundamental na construção da pessoa. Não sei ao certo quando é que se inicia esse processo. O que podemos intuir é que a maturidade se expressa nessa capacidade de diferenciação. Quando recebemos uma educação que nos encoraja à verdade pessoal, assumimos quem somos, ainda que seja alto o preço a pagar por essa autenticidade.

A identidade está intimamente ligada à nossa verdade pessoal. Ela ultrapassa o que os outros imaginam de nós. Vai além do que tentamos representar. E, por isso, é afirmação e negação.

No que afirmamos sobre nós há uma infinidade de negações implícitas. Ao enfrentar o mundo e os seus convites à hipocrisia, temos de zelar para não perder a clareza desses contrários que nos identificam.

Ninguém alcança a sua verdade pessoal impunemente. Há sempre um preço a pagar. Um esforço de empenhamento a fazer. É necessário um trabalho diário, um zelo constante, para que as expetativas dos outros não sufoquem a nossa verdade. Não é um problema que o outro nos motive, que nos ajude a encontrar uma forma harmoniosa de chegarmos ao que realmente somos. Mas não podemos esquecer os sinais que já nos foram dados quando, ao longo da vida, pudemos sentir, ainda que superficialmente, a sensação de ser a pessoa certa no lugar certo.

O ser humano é um apanhado de possibilidades e limites. A conjugação harmoniosa destes dois contextos é que nos encaminha para a realização pessoal, para a satisfação de sermos quem somos. Estão sempre interligados. O reconhecimento dos limites favorece o desenvolvimento das possibilidades. Ao definirmos quem somos, assumimos a legitimidade da nossa natureza. Afirmamos o que podemos e o que não podemos. E, com isso, os limites assumem um caráter positivo, pois afastam-nos dos enganos que nos impediriam de chegar ao conhecimento das nossas verdadeiras possibilidades. Se concluímos que uma estrada não nos leva ao lugar que desejamos, temos um limite estabelecido. A estrada não nos pertence. Mas é a partir dessa descoberta que reencontramos o direito de procurar aquela que realmente nos fará chegar.

A nossa identidade limita-nos, não para nos empobrecer, mas, ao contrário, para favorecer o nosso crescimento. Quem

sabe bem o que é e o que não é tem mais facilidade em explorar as suas possibilidades, uma vez que os limites também já estão apreendidos. Apreender e conhecer os próprios limites é uma forma de potenciar as qualidades que nos são próprias.

Mas nem sempre reconhecemos esta dimensão positiva do limite. É preciso maturidade para interpretar os não-s da vida, os não-s que precisamos de dizer a nós mesmos, ou os não-s que a estrada pôs no nosso caminho. Quando estamos imersos num processo de esquecimento do que somos, habituamo-nos aos restos do mundo que sobraram dos nossos enganos.

Gosto muito da parábola do filho pródigo. Sempre que me deparo com a história daquele rapaz que pediu a herança ao pai para iniciar uma vida distante da família, penso no sofrimento sentido pelo velho homem. Pedir-lhe a herança quando ele ainda estava vivo era o mesmo que declarar a sua morte. Isto acentua ainda mais o amor com que mais tarde o filho foi recebido em casa.

Mas não é sobre isso que quero falar. Quero referir-me a outro detalhe da parábola. Depois de ter gasto toda a herança numa vida sem regras, o rapaz passou por um terrível período de privações. O evangelho diz que ele chegou a comer o alimento que era dado aos porcos.

Vejamos, apesar de ter gasto a herança, o rapaz continuava a ter um lar, uma família. Mas havia um pormenor. Ele tinha-se esquecido dos seus direitos. O pecado fê-lo esquecer-se da sua condição de filho. A vida de erros sequestrou-lhe a consciência da identidade. E esta era a sua verdadeira perda. A herança que perdera não era nada comparada com o sequestro que lhe retirara a sua pertença filial.

Só ao tomar consciência de que, na casa do seu pai, os porcos tinham um tratamento melhor, é que iniciou a recuperação da sua identidade. Num primeiro momento, ganha coragem para voltar e trabalhar como empregado. E assim faz. Mas, quando percebe que o pai o aguarda na estrada, reencontra-se com a herança que nenhum erro é capaz de dissipar. O abraço é de devolução. Ambos recebem. O pai volta a ser pai e o filho volta a ser filho. As identidades são-lhes restituídas.

Esta parábola é muito sugestiva. Pertence a um conjunto de escritos cujo tema aborda a misericórdia divina. São histórias que salientam a capacidade que Deus tem de amar os que, de acordo com o nosso julgamento, não merecem ser amados.

É interessante abordar a questão da identidade a partir de uma relação amorosa. A psicologia ensina-nos que o amor é que nos leva à primeira experiência de fé que fazemos na vida. Não se trata de uma fé sobrenatural, mas natural, fruto do cuidado que alguém nos dispensa. Aprendemos a dar os primeiros passos porque os braços que se estendem a encorajar-nos são braços amorosos. Desde crianças que experimentamos essa verdade. Amor e cuidado são caminhos que se encontram. E são esses caminhos que nos levam ao fortalecimento da nossa identidade.

Quando esse amor e esse cuidado nos são negados ficamos à mercê das nossas inseguranças. Na verdade, só o vínculo amoroso pode dar-nos a coragem de sermos quem somos. Se ele nos falta ficamos impedidos de chegar ao conhecimento de nós mesmos.

Se estivermos longe dos vínculos que nos recordam quem somos, a nossa identidade pode sofrer danos, assim como uma

construção pode sofrer com a falta de manutenção. O amor amado, o horizonte de sentido, são os grandes responsáveis pela manutenção da nossa coragem de sermos quem somos.





Quando digo o que sou,
faço-o, de certa maneira, para também
dizer o que não sou.
O não ser está no avesso do ser,
assim como o tecido só é tecido porque
há um avesso que o nega,
não sendo outro,
mas complementando-o.
O que não sou também é um forma de ser.
Eu sou eu e os meus avessos.



O esquecimento do ser

Voltemos ao sequestro. Ao confinar uma pessoa, o sequestrador atenta contra a sua identidade. Ao negar-lhe a liberdade do corpo, uma série de outras liberdades fica também comprometida. A liberdade emocional é uma delas. O mal-estar que decorre desta privação compromete a articulação que precisamos de fazer entre as nossas possibilidades e limites.

No cativeiro, o limite deixa de ensinar, pois estando afastada do seu horizonte de sentido, dos que ama, estando impedida de frequentar aquele pedaço do mundo onde está ao lado dos que a ajudam a compreender os não-sentidos da vida, aquela pessoa é condenada ao vazio.

O cativeiro priva-a dos direitos e deveres que decorrem do seu papel existencial. Quem é pai deixa de exercer o papel de pai, quem é filho deixa de exercer o papel de filho e assim por diante.

Contudo, deixar de exercer um papel não implica deixar de o ser. Um pai será sempre pai, mesmo distante do filho que ama. Da mesma forma que a mãe será sempre mãe, ainda que sequestrada e sem direito a desempenhar o papel de mãe. Mas o sofrimento provocado pelo distanciamento pode desencadear o *esquecimento do ser*. Recordo que, antes de abordar a questão da identidade, disse que o cativeiro pode levar uma pessoa a *ausentar-se de si mesma*. O que quer isto dizer?

É o pior vazio que podemos experimentar. Trata-se de um estado paralisante em que essa pessoa não encontra coragem para nada, pois é como se o motor da sua existência estivesse ausente do corpo.

Estando ausente de si mesma, a pessoa desliga-se da sua identidade e interna-se no território do esquecimento do ser. Estando fora do seu horizonte de sentido, e sendo-lhe negado o direito de conviver com os elementos que a identificam, ela vai-se tornando indiferente à vida. Exilada dos outros e de si mesma, a sua saúde emocional vai-se fragilizando, o corpo vai-se rendendo ao domínio do algoz, e essa pessoa vai rompendo lentamente com os motivos que antes a faziam prosseguir.

É o ponto alto das consequências nefastas do sequestro. Já estando ausente de si mesma e esquecida de ser quem é, a pessoa sequestrada rende-se à condição de vítima.



A condição de vítima



O sofrimento passado no cativeiro desencadeia a vitimização do sequestrado. É esse o momento da rendição. Parece contraditório na teoria mas não o é na prática. Ao mergulhar a pessoa num contexto de sofrimento, ameaças e privações, ao violentar-lhe a identidade, subjugando-a a um esquecimento de si mesma, o sequestrador estabelece com o sequestrado uma relação de confiança. Fomentada pelo medo, é claro, mas confiança. É um facto perturbador. A sobrevivência depende daquele estranho recém-chegado. O que antes era um direito da pessoa, um direito inalienável, está agora inteiramente ameaçado, nas mãos de um desconhecido. A consciência da dependência e a certeza de que a vida agora já não lhe pertence, porque está noutras mãos, colocam o sequestrado numa condição de inteira e total fragilidade. Essa fragilidade transforma-se em atitude, em postura. Desencadeia aquilo a que chamamos *condição de vítima*, uma vez que a rendição é a única forma de

garantir a sobrevivência. É a última etapa do processo, quando o sequestrado sente que já não tem outra coisa na vida senão o seu algoz.

A vitimização é intencional. O sequestrador sabe bem que o tratamento cruel lhe dará acesso ao coração da pessoa confinada. É tudo bem pensado. Uma vítima é alguém cujas fraquezas podemos explorar. É a partir dessa premissa que o sequestrador trabalha.

Primeiro, faz questão de abalar as estruturas emocionais da pessoa sequestrada. Ameaça matar os que ela ama, ameaça atentar contra os seus valores, subjuga e faz questão de demonstrar quem detém a autoridade, quem é o centro de todas as decisões. Os maus-tratos, a vida na precariedade, o local inóspito, a má comida, o desprezo, tudo está ao serviço desse único objetivo: vitimar.

Quanto maior for a sensação de vitimização no sequestrado, maior será o controlo do sequestrador sobre ele. Quanto pior for o tratamento no cativeiro, maior será o medo e, consequentemente, a rendição da vítima.

Sentir medo é uma forma estranha de atribuir autoridade a alguém. Temer uma realidade ou uma pessoa é o mesmo que lhe dar o direito de nos assombrar constantemente. Sempre que estamos paralisados pelo medo, de alguma forma, estamos privados de nós mesmos.

O senso comum ensina-nos que o cão tem a capacidade de perceber o nosso medo, e isso encoraja-o a agredir-nos. Olhá-lo nos olhos é um recurso que inibe o ataque. Isto é interessante. Qualquer relação de domínio é sempre estabelecida a partir do medo. Sentir medo é o mesmo que entregar ao outro o comando

da situação. Se eu temo o escuro, de certa maneira estou a atribuir-lhe mais poderes do que a mim. O medo nos faz de nós vítimas, desencadeia o esquecimento do poder que temos.

Que mal pode fazer-nos uma sala escura? Porque temos medo de ficar sozinhos? São perguntas simples para as quais geralmente não temos resposta. A razão não é capaz de lançar luz sobre estas situações justamente porque está paralisada pelo medo. O medo priva-nos da inteligência, ainda que temporariamente.

Temer uma realidade e obedecer ao absurdo das suas ordens são desdobramentos estranhos da perda de identidade. No caso do sequestro do corpo, o medo nasce da convicção de que o outro decidirá sobre o destino da nossa vida. Vivermos ou morrermos será uma decisão do sequestrador. É o absurdo de reconhecer que o bem mais precioso que temos está nas mãos de alguém que acabou de chegar, de alguém que nunca fez parte dos nossos significados. Talvez seja por isso que em muitos casos de sequestro a vítima faça questão de estabelecer uma relação amigável com o sequestrador. Talvez seja um reconhecimento, ainda que inconsciente, da necessidade de ser amada pelo inimigo, de despertar nele alguma predileção que favoreça a preservação da sua vida, ou até mesmo de evitar a mutilação física, tão frequente em casos de sequestros.

O medo do inimigo pode conduzir a pessoa a essa relação amigável. O medo tem o poder de gerar gentilezas agressivas, silenciosas, favorecendo a manutenção de uma fria guerra entre os envolvidos.

Assim que é estabelecida, a condição de vítima traz tranquilidade à relação entre sequestrado e sequestrador. Deixando de

haver resistência por parte de quem está subjugado à violência, o sequestro pode arrastar-se no tempo sem grandes dificuldades. Enquanto houver alguma resistência ao reconhecimento do domínio, o sequestrado continuará a representar perigo para o sequestrador, forçando-o a ter atitudes cada vez mais violentas. A condição de vítima acaba com a violência ostensiva, para dar lugar a uma violência mais subtil, mais silenciosa.



O preço do resgate e o seu valor simbólico



O fim do sequestro do corpo está sempre ligado ao pagamento, ou não, do valor do resgate. O valor estabelecido pelos sequestradores é comunicado aos que se interessam pela pessoa sequestrada. As negociações têm como único objetivo a tentativa de trazer de volta aquele que foi levado, preservando-lhe a vida e a integridade.

A pessoa sequestrada, que até então foi vítima dos sequestradores, agora está também nas mãos daqueles que compõem o seu horizonte de sentido. De forma diferente, continua a ser vítima. Eles é que decidirão o que fazer; decidirão como pagar, como negociar. É o momento em que a pessoa é exposta ao peso e à medida do seu valor.

Não são raros os casos em que a vítima vive nesse momento uma grande insegurança. A fragilidade do cativeiro fá-la duvidar até mesmo dos sentimentos de quem está lá fora a negociar a sua vida. O cativeiro abalou também a sua autoestima.

Estando sob os efeitos nefastos desta fragilidade, ocorre-lhe a dúvida: será que existe alguém interessado em tirar-me daqui? Será que valho o que está a ser pedido?

Essas questões estão intimamente ligadas à condição de vítima. São o resultado do sofrimento sentido, da insegurança derivada da violência psíquica a que foi submetida. Primeiro, vítima de alguém de quem nem sequer sabia o nome e de quem pouco viu o rosto; agora, vítima daqueles que a viram nascer e crescer. Situações distintas, mas unidas pelo fio da mesma insegurança.

O cativeiro minou as suas convicções e deixou a marca do esquecimento do ser. Quem se esqueceu de quem é pode incorrer no equívoco de colocar os familiares e os criminosos no mesmo patamar. É o medo a ditar as suas ordens. Medo absoluto, indistinto, que ocupa todos os espaços da existência. É o medo a assumir a dolorosa face do desespero. Medo que cega e que faz esquecer o que temos de mais sagrado. Medo que nos acorrenta aos pés do nosso sequestrador e que nos encoraja a pedir-lhe que tenha piedade de nós, como se fosse um deus, capaz de nos livrar da nossa fragilidade.

Medo que nos faz esquecer os vínculos que construímos, o amor que nos ama; medo que dilui a nossa identidade e que já não nos permite diferenciarmo-nos no mundo. Olhamos para tudo e para todos do mesmo modo. Olhos com lentes de medo; são olhos pessimistas, e podem muito pouco na vida.

O medo faz-nos pedir o que não queremos. No caso do sequestro do corpo, o sequestrado, por causa do medo que sente, torna-se capaz de pedir, mesmo sem uma formulação expressa em palavras, que o sequestrador o proteja através do seu domínio. A condição de vítima fá-lo viver o absurdo de uma

dependência cega. O intruso, o recém-chegado, assume a centralidade dos seus afetos. A relação, fortemente marcada pela dependência, fortalece ainda mais a entrega e a rendição. O dominador reconhece o pedido nos olhos do dominado.

A postura da vítima fortalece a figura do sequestrador. Ela autoriza-o a negociar a sua vida, a ser seu proprietário. É a cessão tutelar. É nesse momento que os papéis se confundem ainda mais e que se acentua a insegurança. Estranhos a negociar com os familiares e amigos, mas todos mergulhados no contexto da incerteza. O mais próximo é o sequestrador. Ele passou a representar uma espécie de *segurança*, e por isso a vítima apega-se a ele.

É este o quadro. O sequestro do corpo é uma violência terrível, porque, ao retirar a pessoa do seu horizonte de sentido, expõe-na ao absurdo do esquecimento, ainda que temporário, da sua verdade pessoal, fruto da violência psíquica sofrida. Com a perda da integridade humana, com a desagregação afetiva, o sequestrado deixa de ter condições de lutar por si mesmo. Afastado de si mesmo, aliena nas mãos de estranhos o poder de decidir o desfecho da sua existência.

O corpo é levado de uma vez. O cativeiro cerceia o corpo; priva-o de tudo o que o faz feliz, de todas as sensações que lhe são agradáveis. O corpo é o primeiro a ser acorrentado e rendido, para que depois, aos poucos, seja também rendida e acorrentada a sua alma.

Resgatar o corpo desta condição de aprisionamento consiste em devolvê-lo a si mesmo. O corpo, antes acorrentado e negado, volta a ser dono de si próprio. Volta a frequentar o seu mundo, a alimentar-se do seu horizonte de sentido. O pagamento do resgate

é concreto. Viabiliza o fim do cárcere. Mas também contém um valor simbólico precioso. Concretiza a certeza do amor. Ao ser resgatada, a vítima reconhece que é querida, desejada. Cessa a insegurança que antes vivera no cativeiro. Distante do sequestrador, ela consegue identificar a fragilidade que a fez colocar sequestrador e familiares no mesmo patamar de importância. O regresso devolve-lhe a capacidade de reassumir a identidade perdida. É chegada a hora de organizar o medo, os traumas e as recordações que certamente por muito tempo a atormentarão.



Depois do cativeiro, a aprendizagem



Asabedoria popular ensina-nos que há sempre uma aprendizagem a fazer depois da dor. É verdade. As alegrias costumam ser preparadas no silêncio das duras esperas. Não é justo que o ser humano passe por experiências de calvários sem que delas possam nascer experiências de ressurreições.

Por isso, depois do cativeiro, a aprendizagem. Quando as negociações terminam bem, a pessoa reencontra o mundo que até então lhe era inacessível. Depois do exílio vivido, é certo que nunca mais será a mesma. Depois de devolvida ao centro dos seus significados, interpretará a vida de forma diferente. É natural que assim seja. A experiência do afastamento ajuda-nos a avaliar o valor de tudo o que nos foi temporariamente extorquido.

Antes do cativeiro, do roubo físico e dos seus desdobramentos emocionais, havia o risco de a beleza do quotidiano ser encoberta pela poeira da rotina. A vida propicia a vivência do hábito.

O ser humano habitua-se ao que tem, ao que ama, e muitas vezes só a rutura com o que tem e com o que ama lhe abre os olhos para o valor real de tudo o que estava ao seu redor. As prisões podem fazer-nos descobrir o valor da liberdade. As restrições são prenhes de ensinamentos. Basta saber fazer com que venha à luz do dia o que nelas está escondido.

Na ausência, podemos medir o que amamos e o que nos é indispensável. Passar pela experiência do cativeiro, local da negação absoluta de tudo o que para nós tem significado, pode conduzir-nos ao cerne dos valores que nos constituem.

O resgate, o pagamento que nos dá o direito de voltar ao que é nosso, condensa um significado interessante. Ele é devolução. É como se fôssemos afastados da nossa propriedade, e alguém nos mostrasse de longe a beleza do nosso lugar, e dissesse: «Já foi seu; mas agora deixou de ser. Se quiser lá voltar terá de o comprar de novo!» E é o que acontece. Compramos novamente o que sempre foi nosso. É estranho, mas é esse o significado do resgate.

Distantes do que antes nos era tão próximo, recuperamos a visão encantadora do nosso lugar. Olhamo-lo de uma forma diferente. Redescobrimos os detalhes, a beleza silenciosa que, com o tempo, deixamos de ver. A visão ao longe é reveladora. Vemos mais de perto, mesmo estando tão longe. Olhamos e não conseguimos perceber como não éramos capazes de reconhecer a beleza que esteve sempre ali.

Sob a ameaça de perder tudo, o que mais desejamos é a oportunidade de escrever uma nova história. O nosso desejo é voltar, reencontrar o que tínhamos esquecido, reintegrar o que antes estava perdido, ignorado, abandonado. O que queremos é

a possibilidade de um regresso que nos possibilite ver as mesmas coisas de antes, mas de uma forma nova, aperfeiçoada pela ausência e pela restrição.

Depois do resgate, surge o desejo de estender a toalha branca sobre a mesa, de pôr os talheres especiais sobre a mesa farta. Fartura de sabores e de pessoas que nos fazem ser o que somos. A refeição também é devolução. Da mesma forma que o alimento devolve ao corpo os nutrientes perdidos, a presença dos que amamos devolve-nos a nós mesmos. Sentarmo-nos à mesa é isso. Servimo-nos de alimentos e de olhares. Comungamos uns com os outros, assim como o corpo incorpora a vida que o alimento lhe devolve. A mesa é o lugar onde as fomes se manifestam e são curadas. Fome de pão, fome de amor.

Depois do cativeiro, a festa do regresso, tal como na parábola bíblica que conta a história do filho que regressou depois de um longo tempo de exílio. Distante dos nossos significados, não há possibilidade de felicidade. Quem já foi sequestrado sabe isso.



Que mundo é este, que facilita os encontros mas nos torna estranhos perante nós mesmos?

Padre, cantor e escritor, Fábio de Melo tem dedicado a sua vida a fazer chegar a mensagem de Cristo ao maior número de pessoas possível. Figura de enorme destaque e celebridade no Brasil, reúne todos os anos novos fiéis que procuram o seu conselho e encontram consolo nas suas palavras.

Neste precioso livro, fala-nos de uma violência subtil, mas devastadora. A das pessoas que foram roubadas de si próprias. Chama-lhe sequestro da subjetividade, um conceito pouco habitual, que se refere à privação que sofremos quando estabelecemos com alguém «um vínculo que mina a nossa capacidade de sermos quem somos, de pensarmos por nós mesmos, de usufruirmos da nossa autonomia, de tomarmos decisões e de exercermos a nossa liberdade de escolha».

Precisamos de estar atentos, para que esse roubo não nos aconteça. O Padre Fábio, neste livro indispensável, ensina como consegui-lo.



Inásciente o curso da sua vida 20 20 editora	ISBN 978-989-88555-00-8 9 789898 855008 Religião
--	--